

ESTAMOS DIANTE DA QUARTA FERIDA NARCÍSICA!?

Frank Ned S. C. de Oliveira¹



A humanidade, ao desvencilhar-se de seu casulo dourado de crisálida, o antropocentrismo, teve que suportar das mãos da ciência três grandes dores contra o seu ingênuo amor-próprio, que feriram seu ego.

A primeira foi quando a humanidade, com a Teoria Heliocêntrica de Nicolau Copérnico (1473 - 1543) demonstrou que a Terra não era o centro do universo, mas nada mais que uma pequena partícula em um sistema universal, colocando o homem na periferia do Cosmos.

A segunda ocorreu com Charles Darwin (1809 - 1882), com a Origem das espécies, que mostra que o homem não foi criado por uma divindade e rouba, desta forma, a aparente superioridade do homem sob a especial criação, e repreendeu-o com a descida ao reino “animale”, que somos mais um animal entre outros animais e nos mostrando nosso irmão símio.

A terceira ferida narcísica é a Psicanálise de Freud (1856 - 1939), que fere o narcisismo do homem que acreditava que existia uma consciência capaz de gerir, controlar os desejos. A psicanálise demonstra que os desejos estão submersos em um abismo gigantesco que nominamos inconsciente, ou seja, o “eu” não é senhor em sua própria morada, mas sim, dependente do inconsciente.

Em minhas pesquisas e estudos da Teoria do conhecimento, sobre o pensar e o conhecer, que perpassa Kant, Pearce, Heidegger entre outros, estou cada dia mais convencido

¹ Frank Ned S. C. de Oliveira é mestre em computação, advogado, analista de sistemas e professor de direito digital @ - contato@santacruzadv.com

que estamos diante de uma quarta ferida narcísica: A Inteligência Artificial (IA). De forma cada vez mais acelerada, exponencial, sistemas computacionais, com seus algoritmos baseados em IA e volume massivo de dados vem demonstrando a capacidade de substituir o homem em posições que requerem tomadas de decisões complexas e podendo até mesmo, com o surgimento da superinteligência artificial suplantar o homem. Tanto a transhumanidade, como as questões da pós-humanidade sinalizam nesta direção.

É claro que todas as vezes que abordo o tema da inteligência artificial por este primas surgem reações de espanto, seja no direito, na computação e até mesmo na filosofia. Entendo ser natural esta fase do espanto, justamente por ser novo, por confrontar o homem com uma nova realidade frente a seu império da cognição. Entretanto superada esta fase entramos na secundidade, de Pearce, a distinção, onde superado o espanto inicial e tendo mais domínio do campo o homem começa a perceber e aceitar esta nova possibilidade, chegando desta forma a terciridade, aceitação/conhecimento.

Também é verdade a preocupação com diversas questões éticas. Entretanto um fato é que a tecnologia não pede licença, ela se impõe.

Estamos diante da superação da “condição humana”. Hannah Arendt, em sua obra nos apresenta esta questão ética da técnica superando/escravizando o homem.

Muito há que se estudar sobre o tema, é necessário saberes multidisciplinares. Mas enquanto as academias observar este “novo” objeto de forma isolada e fechada, a tecnologia vai se impondo.